Julian Assange

Google não é o que parece

Passa Palavra
2022

1.

Eric Schmidt é uma figura influente, mesmo entre o rol dos poderosos personagens com quem cruzei o caminho desde quando fundei o WikiLeaks. Em meados de maio de 2011, eu estava sob prisão domiciliar na área rural de Norfolk, cerca de três horas de carro da região nordeste de Londres. A repressão contra o nosso trabalho estava a pleno vapor e cada momento perdido parecia uma eternidade. Era difícil que algo desviasse minha atenção, mas quando meu colega Joseph Farrell me disse que o presidente executivo do Google queria marcar uma entrevista comigo, eu prestei atenção.

Em certos aspectos, o alto escalão do Google parecia mais distante e obscuro para mim do que os corredores de Washington. Nós estivemos enfrentando oficiais seniores dos Estados Unidos por anos aquela altura. A magia havia se passado, mas os crescentes centros de poder do Vale do Silício continuavam opacos e, de repente, eu estava diante de uma oportunidade de

entender e influenciar o que havia se tornado a mais influente empresa na Terra. Schmidt havia se tornado CEO do Google em 2001 e transformou-o num império[1].

Eu estava intrigado que a montanha viesse até Maomé. Mas foi só depois de receber Schmidt e seus colegas que entendi quem realmente tinha me visitado.

---

1 A empresa é agora avaliada em $400 bilhões e emprega 48.829 pessoas. O valor no final de 2011 era de $200 bilhões com 33.077 empregados. Veja “Investor Relations: 2012 Financial Tables”, Google, archive.today/Iux4M. Para o primeiro trimestre de 2014, veja “Investor Relations: 2014 Financial Tables”, Google, archive.today/35IeZ.

2.

A razão pela visita era o livro. Schmidt estava escrevendo um tratado com Jared Cohen, o diretor do Google Ideas, uma organização que se descreve como o "think/do tank"[I] da casa. Eu sabia muito pouco sobre Cohen naquele momento. Na verdade, Cohen se mudara do Departamento de Estado dos Estados Unidos para o Google em 2010. Ele tem sido um homem disseminador das ideias da "Geração Y" no Estado durante duas administrações presidenciais, um cortesão do mundo da política dos think tanks e institutos, aliciado aos seus vinte e poucos anos. Ele se tornou um conselheiro sênior da Secretaria de Estado de Condoleezza Rice e Hillary Clinton. No Estado, com a equipe de Planejamento Político, Cohen logo foi batizado de "anima-festas"[II], canalizando os jargões do Vale do Silício para dentro dos círculos da política estadunidense e produzindo deliciosas misturas de retóricas como "Diplomacia 2.0"[2].

2 Para uma resenha sólida sobre o livro de Schmidt e Cohen que discute temas similares, e que provocou algumas pesquisas

Em sua página pessoal no Conselho de Relações Exteriores, ele lista sua expertise como "terrorismo; radicalização, impacto das tecnologias de conexão no estadismo do século 21; Irã"[3].

Foi Cohen que, quando estava ainda no Departamento de Estado, disse ter enviado um email para o diretor executivo do Twitter, Jack Dorsey, para atrasar a manutenção técnica agendada e auxiliar o levante no Irã, que acabara sendo abortado em 2009[4]. Esse documentado caso de amor com o Google começou no mesmo ano, quando ele fez amizade com Eric Schmidt ao inspecionarem juntos os destroços da pós-ocupação de Bagdá. Alguns meses depois, Schmidt recriou o habitat natural de Cohen dentro do Google ao engendrar o "think/do tank", estabelecido em Nova

---

sobre esse livro, veja Joseph L. Flatley. "Being cynical: Julian Assange, Eric Schmidt, and the year's weirdest book". Verge, 7 de Junho de 2013, archive.today/gfLEr.

3 O perfil de Jared Cohen no site do Conselho das Relações Exteriores, archive.today/pkgQN.

4 Shawn Donnan, "Think again," Financial Times, 8 de Julho de 2011, archive.today/ndbmj. Veja também Rick Schmidtt, "Diplomacy 2.0," Stanford Alumni, Maio/Junho 2011, archive.today/Kidpc.

Iorque, e colocando Cohen como chefe. Nascia o Google Ideas.

Mais tarde, naquele ano, os dois escreveram conjuntamente um artigo para o jornal Foreign Affairs ("Relações Exteriores"), do Conselho das Relações Exteriores, louvando o potencial de reforma das tecnologias do Vale do Silício como um instrumento da política externa dos Estados Unidos[5]. Descrevendo o que eles haviam chamado de "coalizão dos conectados"[6], Schmidt e Cohen afirmaram que

> *os Estados democráticos que construíram as coalizões de suas forças armadas têm a capacidade de fazer o mesmo com as suas tecnologias de conexão... Elas oferecem uma nova forma de exercitar o dever de proteger*

5 Eric Schmidt e Jared Cohen. "The Digital Disruption: Connectivity and the Diffusion of Power" Foreign Affairs, Novembro/Dezembro 2010, archive.today/R13l2.

6 "Coalizão dos conectados" é uma expressão aparentemente cunhada para ressoar com "coalizão da vontade", a qual foi usada para designar a aliança dos Estados liderados pelos Estados Unidos em 2003, quando se preparavam para invadir o Iraque sem a aprovação do Conselho de Segurança da ONU.

os cidadãos ao redor do mundo. [ênfase nossa][7].

No mesmo artigo eles defendiam que "essa tecnologia é oferecida de maneira predominante pelo

---

7 A frase "o dever de proteger" é a essência de "responsabilidade de proteger", ou, em sua forma abreviada, "R2P". "R2P" é uma "norma emergente" altamente controversa no direito internacional. R2P alavanca o discurso dos direitos humanos para comandar "intervenção humanitária" pela "comunidade internacional" em países onde a população civil é considerada estar em risco. Para os liberais dos Estados Unidos que evitam o imperialismo nu de Paul Wolfowitz (nisto veja Patrick E. Tyler, "US strategy plan calls for insuring no rivals develop"New York Times, 8 de Março 1992, archive.today/Rin1g), R2P é a justificação da escolha da ação militar do Ocidente no Oriente Médio e em todos os lugares, como evidenciado pela sua ambiguidade para invadir Líbia em 2011 e Síria em 2013. A ex-superior de Jared Cohen no Departamento de Estado dos EUA, Anne-Marie Slaughter, tem chamado isso de "a mais importante mudança na nossa concepção de soberania desde o Tratado de Westphalia em 1648". Veja seus elogios ao livro Responsibility to Protect: The Global Moral Compact for the 21st Century, editado por Richard H. Cooper e Juliette Voïnov Kohler, no site da editora Palgrave Macmillan, archive.today/0dmMq. Para uma resenha crítica sobre R2P veja o discurso de Noam Chomsky sobre a doutrina na Assembleia Geral da ONU. Noam Chomsky, "Statement by Professor Noam Chomsky to the United Nations

setor privado”. Logo após a Tunísia, o Egito e depois o resto do Oriente Médio irromperam em revoluções. Os ecos desses acontecimentos nas redes sociais online se tornaram um espetáculo para os usuários ocidentais da internet. Os comentaristas profissionais, interessado em racionalizar os levantes contra ditaduras apoiadas pelos Estados Unidos, nomearam esses levantes como “Revoluções do Twitter”. De uma hora para outra todo mundo queria ser um ponto de intersecção entre o poder global americano e as redes sociais, e Schmidt e Cohen já haviam se apossado desse terreno. Com o título “O Império da Mente”, eles começaram a expandir seu artigo para o tamanho de um livro, e procuraram se reunir com grandes nomes do ramo da tecnologia e do poder global como parte de sua pesquisa.

Eles falaram que queriam me entrevistar. Eu concordei. Uma data foi marcada para junho.

General Assembly Thematic Dialogue on Responsibility to Protect”, Nações Unidas, Nova Iorque, 23 de julho de 2009, is.gd/bLx3uU. Ver também “Responsibility to protect: An idea whose time has come—and gone?”, Economist, 23 de Julho de 2009, archive.today/K2WZJ.

Quando junho chegou, já havia muito a conversar. Naquele verão o WikiLeaks ainda estava liberando os telegramas diplomáticos dos Estados Unidos, publicando milhares deles toda semana. Quando, sete meses antes, começamos a liberar os telegramas, Hillary Clinton havia denunciado a publicação como "um ataque à comunidade internacional" que iria "destruir o tecido constitutivo" do governo.

Foi dentro dessa efervescência que o Google se projetou naquele junho, pousando em um aeroporto de Londres e fazendo a longa viagem em East Anglia até Norfolk e Beccles. Schmidt chegou primeiro, acompanhado pela sua companheira na época, Lisa Shields. Quando ele a apresentou como uma vice-presidente do Conselho sobre Relações Exteriores — uma think-tank de política externa com laços estreitos ao Departamento de Estado — eu pensei um pouco mais do mesmo. Shields havia acabado de sair de Camelot, tendo sido vista próxima de John Kennedy Jr. no início dos anos 90. Eles se sentaram comigo e trocamos elogios. Disseram que tinham esquecido o gravador de áudio deles, então usamos o meu. Fizemos

um acordo que eu passaria a gravação para eles e que em troca eles iriam me passar a transcrição, a ser corrigida para maior clareza e precisão. Nós começamos. Schmidt foi direto ao ponto, já me interrogando sobre as bases tecnológicas e organizacionais do WikiLeaks.

Mais tarde Jared Cohen chegou. Com ele estava Scott Malcomson, apresentado como o editor do livro. Três meses depois da reunião, Malcomson ingressaria no Departamento de Estado como principal escritor de discursos e conselheiro de Susan Rice (na época embaixadora dos EUA nas Nações Unidas e agora Conselheira de Segurança Nacional). Ele havia servido anteriormente como conselheiro sênior nas Nações Unidas, e é um membro de longa data do Conselho de Relações Exteriores. No momento em que escrevo, ele é o diretor de comunicações do Grupo de Crise Internacional[8].

---

8 O International Crisis Group (Grupo de Crise Internacional) se autodenomina uma "organização independente, sem fins lucrativos e não governamental" que trabalha "através de análise baseada em trabalho de campo e advocacia de alto nível para prevenir e resolver conflitos mortais". Ela também já foi descrita como um "think-tank de alto nível... [desenvolvida] primariamente para oferecer orientação política para os

A esse ponto, a delegação era uma parte Google, três partes de figurões da política externa dos EUA, mas eu ainda não tinha percebido a situação. Apertos de mão dados, nós passamos aos negócios.

Schmidt era um bom sidekick. Um cinquentão, com olhar mordaz atrás de óculos garrafais, vestido como um executivo — sua aparência rígida ocultava uma máquina analítica. Suas perguntas frequentemente pulavam para o âmago da questão, denunciando assim uma poderosa estrutura de inteligência não-verbal. Era o mesmo intelecto que abstraiu os princípios de engenharia de software para transformar o Google numa megacorporação, garantindo que a infraestrutura corporativa sempre se encontrasse com a taxa de crescimento. Essa era uma pessoa que entendia sobre como construir e manter *sistemas*: sistemas de informação e sistemas de pessoas. Meu mundo era novo para ele, mas era também um mundo de

governos envolvidos na redefinição dos Balcãs liderada pela OTAN". Veja Michael Barker, "Imperial Crusaders for Global Governance", Swans Commentary, 20 de abril de 2009, archive.today/b8G3o. O perfil de Malcomsom como parte da equipe do International Crisis Group está disponívei em www.crisisgroup.org, archive.today/ETYXp.

desdobramentos de processos humanos, escala e fluxos de informação.

Para um homem de inteligência sistemática, a noção política de Schmidt era — até onde eu consegui captar da nossa discussão — surpreendentemente convencional, até mesmo banal. Ele compreendeu os relacionamentos estruturais rapidamente, mas lutou para verbalizar muitos deles, muitas vezes calçando sutilezas geopolíticas com o marketing do Vale do Silício ou o dialeto engessado dos colegas do Departamento de Estado[9]. Ele estava em sua melhor forma quando estava falando (talvez ele não tenha percebido isso) como um engenheiro, quebrando as complexidades em seus componentes ortogonais.

Eu achei Cohen um bom ouvinte, mas um pensador menos interessante, possuído daquele convívio massante que a rotina aflige à carreira de grandes especialistas e acadêmicos de alto prestígio[III]. Como se poderia esperar da sua bagagem de política externa,

---

9 Alguém poderia argumentar que isso é prova viva da hipótese fraca de Sapir-Whorf. Veja "Linguistic Relativity" Wikipedia, archive.today/QXJPx.

Cohen tinha conhecimento de pontos de ebulição social e conflitos internacionais, e movia-se rapidamente entre eles, detalhando cenários diferentes, para testar as minhas asserções. Porém, algumas vezes senti que ele fazia improvisações ortodoxas de um jeito que usava para impressionar seus antigos colegas em Washington. Malcomson, mais velho, era mais pensativo, sua participação foi generosa e de reflexão. Shields ficou em silêncio quase toda a conversa, tomando notas, agradando os grandes egos ao redor da mesa enquanto ficava com o trabalho de fato.

Enquanto entrevistado, eu estava esperando fazer a maior parte das falas. Procurei orientá-los para a minha visão de mundo. Para o crédito deles, eu considero essa entrevista, talvez, a melhor que eu já concedi. Eu estava fora da minha zona de conforto e eu gostei disso. Nós comemos e depois andamos pelo lugar, tudo isso enquanto gravávamos. Eu solicitei a Eric Schmidt para vazar as requisições de informação feitas pelo governo dos Estados Unidos para o WikiLeaks, e ele recusou, subitamente nervoso, citando a ilegalidade da divulgação dos pedidos do Ato Patriota. E então

assim como a noite veio, eles foram embora, de volta para o irreal, as remotas salas do império da informação, e eu fui deixado para voltar ao meu trabalho. Esse era o fim, ou eu pensava que era.

3.

Dois meses depois, a publicação pelo WikiLeaks dos telegramas diplomáticos do Departamento de Estado estava chegando a um abrupto fim. Durante nove meses, nós gerenciamos meticulosamente a publicação, movimentando mais de uma centena de parceiros da imprensa global, distribuindo documentos nas suas regiões de influência, e supervisionando mundialmente um sistema de redação e de publicação sistemática, lutando pelo máximo de impacto das nossas fontes.

Mas num ato de negligência grosseira o jornal Guardian — nosso antigo parceiro — publicou a senha confidencial para decifrar todos os 251.000 documentos no título do capítulo de seu livro, lançado às pressas em fevereiro de 2011[10]. Por volta de agosto, nós descobrimos

10 Glenn Greenwald, "Fact and myths in the WikiLeaks/Guardian saga," Salon, 2 de Setembro de 2011, archive.today/5KLJH. Veja também Matt Giuca, "WikiLeaks password leak FAQ," Unspecified Behaviour, 3 de Setembro de 2011,

que um ex-colaborador alemão — cujas atividades eu suspendi em 2010 — estava estabelecendo relações comerciais com uma série de organizações e indivíduos, vendendo a localização do arquivo criptografado juntamente com a senha encontrada no livro. Pela velocidade que a informação estava se espalhando, nós estimamos que dentro de duas semanas a maioria das agências de inteligência, prestadores de serviços e intermediários já teriam todos os telegramas, enquanto o público geral não.

Eu decidi que era necessário antecipar nossa agenda de publicação em quatro meses e contatei o Departamento de Estado para deixar registrado que nós demos um aviso prévio para eles. Assim, a situação seria mais difícil de terminar num novo ataque político ou jurídico. Impossibilitado de falar com Louis Susman, o embaixador dos Estados Unidos no Reino Unido, nós tentamos a porta da frente. A editora de investigação do WikiLeaks, Sarah Harrison, ligou para a recepção do

---

archive.today/ylPUp. Veja também "WikiLeaks: Why the Guardian is wrong and shouldn't have published the password," Matt's Tumblr, 1 de Setembro de 2011, archive.today/aWjj4.

Departamento de Estado e informou para o operador que “Julian Assange” queria ter uma conversa com Hillary Clinton. Previsivelmente, essa declaração foi inicialmente recebida com uma descrença burocrática. Logo nos encontrávamos numa reencenação da cena do filme Dr. Strangelove, onde Peter Sallers telefona para a Casa Branca para alertar sobre a iminência de uma guerra nuclear e é imediatamente colocado na linha de espera. Assim como no filme, nós subíamos a hierarquia, falando gradualmente com autoridades superiores até nós alcançarmos o conselheiro jurídico sênior da Clinton. Ele nos disse que ligaria de volta. Nós desligamos e esperamos.

Quando o telefone tocou meia hora depois, não era o Departamento de Estado do outro lado da linha. Ao invés disso, era Joseph Farrell, o membro do WikiLeaks que marcou a reunião com o Google. Ele havia acabado de receber um e-mail da Lisa Shields, tentando confirmar se era realmente o WikiLeaks ligando para o Departamento de Estado.

Foi nesse momento que eu percebi que Eric Schmidt poderia não ser apenas um emissário do

Google. Oficialmente ou não, ele vinha mantendo contatos que o colocaram muito próximo a Washington, incluindo um relacionamento amplamente documentado com o Presidente Obama. Não só as pessoas ligadas à Hillary Clinton sabiam que a companheira de Eric Schmidt havia me visitado, mas eles também elegeram-na como seu canal de retorno. Enquanto o WikiLeaks tinha estado profundamente envolvido na publicação do arquivo interno do Departamento de Estado dos EUA, o próprio Departamento de Estado havia, na verdade, entrado sorrateiramente pelo centro de comando do WikiLeaks e me convidado para um almoço grátis. Dois anos depois, após as suas visitas no início de 2013 para a China, Coreia do Norte e Burma, é que viria a ser observado que o diretor executivo do Google estaria conduzindo, de uma forma ou de outra, uma "diplomacia de canal de retorno" para Washington. Mas naquele momento era uma ficção pensar isso[11].

Eu deixei isso de lado até fevereiro de 2012, quando o WikiLeaks — juntamente com mais de trinta

---

11 Andrew Jacobs, "Visit by Google Chairman May Benefit North Korea," New York Times, 10 de Janeiro de 2013, archive.today/bXrQ2.

dos nossos parceiros da mídia internacional — começou a publicar o “Global Intelligence Files”: o banco de dados de emails internos de uma firma de inteligência privada do Texas, a Stratfor[12]. Um dos nossos maiores parceiros investigativos Al Akhbar — vasculhou os emails da inteligência sobre Jared Cohen[13]. As pessoas

---

12 Jeremy Hammond, um jovem de princípios e corajoso revolucionário digital, foi acusado posteriormente pelo governo dos Estados Unidos de enviar esses documentos para o WikiLeaks. Ele é hoje um preso político dos Estados Unidos, condenado a dez anos após falar com um informante do FBI.

13 Yazan al-Saadi, “StratforLeaks: Google Ideas Director Involved in ‘Regime Change,’” Al Akhbar, 14 de Março de 2012, archive.today/gHMzq. “Re: GOOGLE & Iran ** internal use only—pls do not forward **,” email ID 1121800 (27 February 2011), Global Intelligence Files, WikiLeaks, 14 March 2012, archive.today/sjxuG. Para mais discussões internas da Stratfor sobre Jared Cohen e Google, veja: “Egypt — Google ** Suggest you read,” email ID 1122191 (9 February 2011), Global Intelligence Files, WikiLeaks, 14 de Março de 2012, archive.today/DczlA. “Re: More on Cohen,” email ID 1629270 (9 February 2011), Global Intelligence Files, WikiLeaks, 14 March 2012, archive.today/opQ3a. “Re: Google Shitstorm Moving to Gaza (internal use only),” email ID 1111729 (10 February 2011), Global Intelligence Files, WikiLeaks, 14 de Março de 2012, archive.today/vpK3F. “Re: Google’s Cohen Activist Role,” email ID 1123044 (10 February 2011), Global Intelligence Files, WikiLeaks, 11 de Março de 2013, archive.today/nvFP6. “Re: movements.org founder Cohen,”

na Stratfor, que gostam de pensar que são como uma CIA empresarial, estavam perfeitamente cientes de outros empreendimentos que eles viam como fazendo incursões no setor deles. O Google entrou no radar deles. Numa série de emails vulgares eles discutiam o padrão de atividade conduzida por Cohen sob a égide do Google Ideas, sugerindo o que realmente significava a palavra "fazer"("do") da expressão "think/do tank".

A diretoria de Cohen parecia cruzar a linha do trabalho de relações públicas e a "responsabilidade empresarial" para uma ativa intervenção corporativa

email ID 1113596 (11 February 2011), Global Intelligence Files, WikiLeaks, 6 de Março de 2012, archive.today/ToYjC. "Re: discussion: who is next?," email ID 1113965 (11 February 2011), Global Intelligence Files, WikiLeaks, 14 de Março de 2012, archive.today/ofBMr. "GOOGLE Loose Canon Bound for Turkey & UAE (SENSITIVE — DO NOT FORWARD)," email ID 1164190 (10 March 2011), Global Intelligence Files, WikiLeaks, 14 de Março de 2012, archive.today/Jpy4F. "Re: [alpha] GOOGLE — Cohen & Hosting of Terrorists," email ID 1133861 (22 March 2011), Global Intelligence Files, WikiLeaks, 14 de Março de 2012, archive.today/OCR78. "[alpha] Jared Cohen (GOOGLE)," email ID 1160182 (30 March 2011), Global Intelligence Files, WikiLeaks, 14 de Março de 2012, archive.today/FYQYe.

nas relações exteriores em um nível que é normalmente reservado aos Estados. Jared Cohen poderia ser chamado ironicamente de “diretor do regime de mudanças”. Segundo esses emails, ele estava tentando deixar suas marcas em alguns dos maiores eventos históricos no Oriente Médio contemporâneo. Ele pode ser encontrado no Egito durante a revolução, se reunindo com Wael Ghonim, o funcionário do Google cuja detenção e prisão transformou-o horas depois num símbolo do levante politicamente simpático na imprensa ocidental. Foram planejadas reuniões na Palestina e na Turquia, ambas — afirmadas pelos emails da Stratfor — foram descartadas pelo experiente líder do Google como sendo muito arriscadas. Apenas alguns meses antes dele me conhecer, Cohen estava planejando uma viagem para a fronteira do Irã, no Azerbaijão, para “engajar as comunidades iranianas próximas da fronteira” como parte do projeto do Google Ideas sobre “sociedade repressivas”. Em emails internos, o vice-presidente de inteligência da Stratfor, Fred Burton (ele mesmo um ex-oficial de segurança do Departamento de Estado) escreveu,

> *O Google está conseguindo apoio e cobertura aérea da Casa Branca e do Departamento de Estado. Na realidade eles estão fazendo coisas que a CIA não pode fazer... [Cohen] vai acabar sendo sequestrado ou assassinado. Talvez isso seja a melhor coisa para acontecer para expor o papel secreto do Google na agitação de levantes, para ser sincero. O Governo dos Estados Unidos pode então negar saber disso e o Google será deixado na mão segurando o saco de merda*[14].

Em outra comunicação interna, Burton disse que suas fontes sobre as atividades do Cohen eram Marty Lev — diretor do Google de Segurança e Proteção — e o próprio Eric Schmidt[15]. Procurando por algo mais concreto, eu comecei a pesquisar no arquivo do WikiLeaks informações sobre Cohen. Os telegramas do Departamento de Estado divulgados como parte do

---

14 "Para estes emails e mais, veja as fontes agregadas em when.google.met.wikileaks.org.

15 "Re: GOOGLE's Jared Cohen update," email ID 398679 (14 February 2011), Global Intelligence Files, WikiLeaks, 14 de Março de 2012, archive.today/IoFw4. Esse e-mail está incluído nas fontes agregadas em when.google.met.wikileaks.org.

Cablegate revelam que Cohen esteve no Afeganistão em 2009, tentando convencer as quatro maiores operadoras de telefonia móvel a mover suas antenas para as bases militares dos Estados Unidos[16]. No Líbano, ele trabalhou discretamente tentando estabelecer um rival religioso e intelectual contra o Hezbollah, a "Higher Shia League"[17]. E em Londres, ele ofereceu fundos aos executivos do cinema de Bollywood caso inserissem em

---

16 "Usando tecnologias de conexão para promover interesses estratégicos dos EUA no Afeganistão: serviços bancários móveis, seguros de telecomunicações e co-locação de torres de telefone celular" ID canônico: 09KABUL2020_a, Biblioteca Pública da Diplomacia dos Estados Unidos, WikiLeaks, archive.today/loAlC. Esse telegrama está incluído nas fontes agregadas em when.google.met.wikileaks.org. Em maio de 2014, o Wikileaks revelou que a NSA conseguiu acesso a todas as ligações de celular do Afeganistão e estava gravando todas elas para posterior seleção. Veja "WikiLeaks statement on the mass recording of Afghan telephone calls by the NSA," WikiLeaks, 23 de Maio de 2014, archive.today/lp6Pl.

17 Da Biblioteca Pública da Diplomacia dos Estados Unidos, WikiLeaks, veja os telegramas com IDs canônicos: 07BEIRUT1944_a, 08BEIRUT910_a, 08BEIRUT912_a, 08BEIRUT918_a, 08BEIRUT919_a, 08BEIRUT1389_a e 09BEIRUT234_a. Coleção disponível em: archive.today/34MyI. Veja também as fontes agregadas em when.google.met.wikileaks.org.

seus filmes conteúdo anti-extremistas e prometeu conectá-los nas redes relacionadas em Hollywood[18].

Três dias após ele ter me visitado em Ellingham Hall, Jared Cohen voou para a Irlanda para dirigir o "Save Summit", um evento co-patrocinado pelo Google Ideas e o Conselho das Relações Exteriores. Reunindo ex-membros de gangues da cidade, militantes da extrema-direta, nacionalistas violentos e "extremistas religiosos" de todo o lugar do mundo juntos num único lugar, o evento buscou propor soluções tecnológicas para o problema do "extremismo violento"[19]. O que é que poderia dar errado?

O mundo de Cohen parece ser um evento após o outro: noites intermináveis para o cruzamento da influência entre as elites e seus vassalos, sob a rubrica

---

18 "EUR senior advisor Pandith and s/p advisor Cohen's visit to the UK, October 9-14, 2007," ID canônico: 07LONDON4045_a, Biblioteca Pública da Diplomacia dos Estados Unidos, WikiLeaks, archive.today/mxXGQ. Para mais sobre Jared Cohen nos arquivos do WikiLeaks veja archive.today/5fVm2. Veja também as fontes agregadas em when.google.met.wikileaks.org.

19 Veja "Summit Against Violent Extremism (SAVE)" no site do Conselho das Relações Exteriores, archive.today/rA1tA.

piedosa de “sociedade civil”. O entendimento geral nas sociedades capitalistas avançadas é que ainda existe um “setor da sociedade civil” orgânico, no qual se as instituições formam autonomamente e se juntam para manifestar os interesses e vontade dos cidadãos. A fábula diz que as fronteiras desse setor são respeitadas pelos atores, como o governo e o “setor privado”, deixando assim um espaço seguro para as ONGs e organizações não lucrativas militarem por coisas como direitos humanos, liberdade de expressão e responsabilidade governamental.

Isso soa como uma grande ideia. Mas se isso alguma vez foi verdade, não o foi por mais de décadas. Desde pelo menos os anos 70, atores autênticos como sindicatos e igrejas têm se curvado sob os ataques contínuos realizados pelo estatismo de livre mercado, transformando a “sociedade civil” num balcão de negócios para facções políticas e interesses corporativos que procuram exercer influência no próprio mercado. Os últimos quarenta anos têm sido de uma grande proliferação de think tanks e ONGs políticas cujo

propósito, para além de toda a verborragia, é executar agendas políticas por representação.

Não são apenas os óbvios grupos do campo neoconservador, como o Foreign Policy Initiative[20]. Também inclui ONGs ocidentais fátuas como a Freedom House, onde ingênuos, porém, bem intencionados profissionais de carreira não-lucrativa são virados do avesso pelos fluxos de financiamento político, denunciando as violações dos direitos humanos não-ocidentais, enquanto os abusos locais são seguramente mantidos em pontos cegos. O circuito de conferência da sociedade civil — que importa ativistas de países em desenvolvimento para o resto do mundo centenas de vezes ao ano para abençoar a união profana entre “governo e agentes privados” em eventos geopolitizados como o Fórum da Internet em Estolcomo — simplesmente não poderia existir se não fossem injetados milhões de dólares de financiamento político anualmente.

---

20 Para visão sobre a Foreign Policy Initiative, veja Max Blumenthal, Rania Khalek, “How Cold War—Hungry Neocons Stage Managed RT Anchor Liz Wahl’s Resignation,” Truthdig, 19 de Março de 2014, archive.today/JSUHq.

Verifique os membros associados aos grandes institutos e think tanks dos Estados Unidos e os mesmos nomes continuarão a aparecer. A "Save Summit" de Cohen foi para semear a AVE, ou AgainstViolentExtremism.org, um projeto de longo prazo cujo principal financiador, além do Google Ideas, é a Fundação Gen Next. O site dessa fundação diz que é "uma organização de associação exclusiva e plataforma para indivíduos bem sucedidos" que visa a "mudança social" impulsionada pelo financiamento do capital de risco[21]. A Gen Next é uma fundação não lucrativa do setor privado que evita apoiar alguns dos potenciais conflitos conhecidos enfrentados por iniciativas financiadas por governos"[22]. Jared Cohen é um membro executivo.

A Gen Next também financia uma ONG, lançada por Cohen perto do fim do seu mandato no Departamento de Estado, para trazer "ativistas pró-democracia" da Internet para dentro da rede de

21 "Sobre a GNF," site da Gen Next Foundation, archive.today/p91bd.

22 "AgainstViolentExtremism.org," site da Gen Next Foundation, archive.today/Rhdtf.

patrocínio das relações externas dos EUA[23]. O grupo originado como a "Aliança dos Movimentos da Juventude com uma cúpula inaugural na cidade de Nova Iorque, em 2008, foi financiado pelo Departamento de Estado e incrustada de logos dos patrocinadores corporativos[24]. A conferência trouxe cuidadosamente

---

23 "Movements.org," site da Gen Next Foundation, archive.today/oVlqH. Observe o trecho de um relatório confidencial sobre uma reunião em Março de 2011 entre a Stratfor e a "principal organizadora" do Movements.org: "Como Movements.org começou: [Essa parte não é para publicação] em 2008 ficou claro para o Governo dos Estados Unidos que eles precisavam fazer diplomacia pública na internet. Na época, Jared Cohen estava no Departamento de Estado e desempenhou um papel fundamental em começar a organização. O principal objetivo era espalhar uma boa visão sobre os EUA." "[alpha] INTUIÇÃO — US/MENA — Movements.org," email ID 1356429 (29 de Março de 2011), Global Intelligence Files, WikiLeaks, 4 de Março de 2013, archive.today/PgQji. Veja também as fontes agregadas em when.google.met.wikileaks.org.

24 Para saber mais sobre esse evento veja Joseph L Flatley, "Being cynical: Julian Assange, Eric Schmidt, and the year's weirdest book," Verge, 7 de Junho de 2013, archive.today/gfLEr. Veja também "The Summit: New York City, The 2008 Inaugural Alliance of Youth Movements Summit," site do Movements.org, archive.today/H2Ox1#2008. Veja as logos dos patrocinadores corporativos em "About movements.org," site do Movements.org, archive.today/DQo19.

ativistas selecionados das mídias sociais de "áreas problemáticas" como Venezuela e Cuba para assistir aos discursos da nova equipe de mídia de campanha do Obama e James Glassman do Departamento de Estado, e para fazer networking com os consultores de relações públicas, "filantrópicos", e personalidades da mídia dos Estados Unidos[25]. A organização realizou duas outras cúpulas apenas para convidados em Londres e na Cidade do México, onde os delegados eram diretamente abordados por vídeolink pela Hillary Clinton[26]:

> *Vocês são a vanguarda de uma nova geração de ativistas cidadãos... E isso faz de vocês o tipo de líderes que precisamos[27].*

---

25 "Attendee Biographies, 3-5 December 2008, New York City," Alliance of Youth Movements, is.gd/bLOVxT. Veja também "09 Summit, Attendee Biographies, 14-16 October 2009, Mexico City," Alliance of Youth Movements, is.gd/MddXp7. Veja também "Attendee Biographies, 9-11 March 2010, London," Movements.org, is.gd/dHTVit.

26 "The Summit: London, The 2010 Alliance For Youth Movements Summit," Movements.org website, archive.today/H2Ox1#2010. E "The Summit: Mexico City, The 2009 Alliance of Youth Movements Summit," Movements.org website, archive.today/H2Ox1#2009.

Em 2011, a Aliança dos Movimentos da Juventude se renomeou como "Movements.org". Em 2012, o Movements.org se tornou uma divisão da "Advancing Human Rights", uma nova ONG montada por Robert L. Bernstein depois que saiu da Human Right Watch (a qual fundou originalmente), porque sentiu que não deveria cobrir os abusos de direitos humanos em Israel e Estados Unidos[28]. A Advancing Human Rights visa corrigir a Human Right Watch ao se focar exclusivamente em "ditaduras"[29]. Cohen declarou que a fusão do seu grupo do Movements.org com a Advancing Human Rights era "irresistível", apontando para a recente "fenomenal rede de ciberativistas no Oriente

---

27 Hillary Rodham Clinton, "Secretary Clinton's Video Message for Alliance of Youth Movements Summit," Departamento de Estado, 16 de Outubro de 2009, archive.today/I2x6U. Veja também Hillary Rodham Clinton, "Remarks At TecMilenio University," Departamento de Estado, 26 de Março de 2009, archive.today/49ACj.

28 Scott Shane, "Groups to Help Online Activists in Authoritarian Countries," New York Times, 11 de Junho de 2012, archive.today/jqq9U.

29 "Mission Statement," site da Advancing Human Rights, archive.today/kBzYe. Scott Shane, "Groups to Help Online Activists in Authoritarian Countries," New York Times, 11 de Junho de 2012, archive.today/jqq9U.

Médio e no Norte da África"[30]. Ele então entrou na diretoria da Advancing Human Rights, a qual inclui também Richard Kemp, o ex-comandante das forças britânicas na ocupação do Afeganistão[31]. Em sua forma atual, Movements.org continua recebendo fundos da Gen Next, assim como do Google, MSNBC e a Edelman, a firma gigante das relações públicas que representa a General Electric, Boeing e Shell, entre outras[32].

---

30 Ibidem.

31 "People", site da Advancing Human Rights, archive.today/pXmPk.

32 Edelman é famosa por uma série de campanhas de astroturfing (campanhas feitas para simular movimentos espontâneos de massa) para a Big Tobacco e Walmart. A página do Sourcewatch.org sobre Edelman, que vale a pena ler na íntegra, possui uma seção sobre a estratégia de Edelman para cooptar o setor não-governamental: "A Relações Públicas (RP) de Edelman fala aos clientes que os ativistas estão vencendo 'porque jogam na ofensiva o tempo todo; eles levam a sua mensagem até o consumidor; eles são engenhosos na criação de coalizações; eles sempre tem uma agenda clara; eles se mobilizam na velocidade da internet; eles falam no tom da mídia'. A solução, a RP argumenta, são parcerias entre ONGs e empresas. 'Nossa experiência até agora é positiva', eles dizem, citando exemplos como a 'Aliança Chiquita-Rainforest' e 'Home Depot-Forest Stewardship Council'". Veja "Daniel J Edelman, Inc.," Site da Sourcewatch, archive.today/ApbOf. Para os

O Google Ideas é maior, mas segue a mesma estratégia. Passe o olho na lista dos palestrantes de suas reuniões anuais fechadas para apenas convidados, como a "Crises num Mundo Conectado", em Outubro de 2013. Teóricos das redes sociais e ativistas dão ao evento um verniz de autenticidade, mas na verdade vangloria-se uma piñata tóxica de convidados: oficiais dos Estados Unidos, magnatas das telecomunicações consultores de segurança, capitalistas financeiros e abutres técnicos da política externa como Alec Ross (gêmeo do Cohen no Departamento de Estado)[33]. Em seu núcleo duro estão os compradores de armas e militares de carreira: chefes ativos do Ciber Comando dos Estados Unidos, e mesmo o Almirante responsável por todas as operações militares dos Estados Unidos na América Latina entre 2006 e 2009. Fechando o pacote estão Jared Cohen e o diretor executivo do Google, Eric Schmidt[34].

---

patrocinadores de Movements.org, veja "About movements.org", no site Movements.org, archive.today/NMkOy.

33 Para um exemplo da escrita de Alec Ross, veja Alec Ross, Ben Scott, "Social media: power to the people?" NATO Review, 2011, archive.today/L6sb3.

Eu comecei a pensar em Schmidt como um brilhante bilionário da tecnologia da Califórnia, mas politicamente infeliz, que havia sido explorado pelos próprios tipos da política externa estadunidense que ele havia escolhido para atuar como tradutor entre ele e os funcionários de Washington — uma ilustração do problema agente-principal Costa Oeste — Costa Leste[35].

Eu estava errado.

---

34 "Speakers," Conflict in a Connected World website, archive.today/Ed8rA.

35 O "problema do agente-principal" ou "problema da agência" se coloca quando a parte que inicia o processo, a principal, dá a tarefa para uma outra parte, o agente, que age em seu lugar, mas onde os interesses das duas partes não estão suficientemente alinhados e o agente usa a sua posição para explorar a parte principal. Um advogado que toma decisões que favorecem o interesse do advogado, mas não o do cliente, são um exemplo clássico desse problema.

4.

Eric Schmidt nasceu em Washington, DC, onde seu pai trabalhou como professor e economista no Departamento do Tesouro de Nixon. Ele cursou o ensino médio em Arlington, Virginia, antes de se graduar em engenharia em Princeton. Em 1979, Schmidt saiu do Oeste para Berkeley, onde ele recebeu seu PhD antes de entrar em Stanford/Berkeley na fusão com a Sun Microsystems, em 1983. Dezesseis anos depois de deixar a Sun, ele se tornou parte da sua liderança executiva.

A Sun tinha contratos importantes com o governo norte americano, mas não foi antes dele estar em Utah como diretor executivo da Novell que os registros mostraram Schmidt estrategicamente se engajando abertamente com a classe política de Washington. Os registros da campanha política de financiamento federal mostram que, em 6 de Janeiro de 1999, Schmidt fez duas doações de $1.000 para o senador Republicano de Utah, Orrin Hatch. No mesmo dia, a esposa de Schmidt,

Wendy, também foi listada em duas doações de $1.000 para o Senador Hatch. No início de 2001, mais de uma dezena de outros políticos e PACs, incluindo Al Gore, George W. Bush, Dianne Feinstein e Hillary Clinton estavam na lista de pagamento de Schmidt, num dos casos pagando $100.000[36]. Em 2013, Eric Schmidt — que já estava publicamente super-associado com a Casa Branca de Obama — foi mais político. Oito republicanos e oito democratas foram diretamente financiados, assim como dois PACs. Em abril daquele ano, $32.300 foram para o Comite Nacional dos Senadores Republicanos. Um mês depois, ele enviou o mesmo montante, $32.300, direcionado para o Comite de Campanha de Senadores Democratas. Por que Schmidt doou exatamente a mesma quantia de dinheiro para os dois partidos é uma pergunta de $64.600[37].

---

36 "PAC" significa "Political Action Committee," um fundo de financiamento de campanhas frequentemente utilizado para apoiar determinados candidatos, passar por cima de regulações de financiamento de campanha, ou fazer campanhas relacionadas a determinadas questões.

37 Todas as doações e políticas estão baseadas em fontes da OpenSecrets.org (opensecrets.org/indivs) e da Comissão Eleitoral Federal dos EUA (fec.gov/finance/disclosure/norindsea.shtml). Veja os resultados

Foi também em 1990 que Schmidt entrou no conselho de diretores de um grupo baseado em Washington DC: a New America Foundation (Fundação Nova América), uma fusão das forças do centro bem conectadas (nos termos de Washington). A Fundação e seus 100 membros servem como uma fábrica de influência, usando suas redes de segurança nacional, política externa e especialistas de tecnologia para inserir centenas de reportagens e artigos de opinião por ano. Em 2008, Schmidt havia se tornado o presidente do conselho diretor. Assim em 2013, os principais financiadores da New America Foundation (cada um contribuindo mais de $1 milhão) são listados como Eric e Wendy Schmidt, o Departamento de Estado dos EUA e a Fundação de Bill & Melinda Gates. Os financiadores secundários incluem Google, USAID e a Radio Free Asia[38].

---

listados para Eric Schmidt no site da Comissão Eleitoral Federal, archive.today/yjXoi. Veja também a tela dos resultados listados para Eric and Wendy Schmidt no site Open Secrets, archive.today/o6hiB.

38 "Our Funding", site da New America Foundation, archive.today/3FnFm.

O envolvimento de Schmidt na New America Foundation o colocou de forma sólida no establishment das relações em Washington. Dos outros diretores da fundação, 7 também configuram-se entre membros do Conselho das Relações Exteriores, incluindo Francis Fukuyama, um dos pais intelectuais do movimento neoconservador; Rita Hauser, que serviu no Conselho Consultivo de Inteligência tanto dos presidentes Bush como Obama; Jonathan Soros, o filho de George Soros; Walter Russel Mead, estrategista de segurança dos Estados Unidos e editor da *American Interest*; Helene Gayle, membra dos conselhos da Coca-Cola, da Colgate-Palmolive, da Fundação Rockefeller, da Unidade Política das Relações Exteriores do Departamento de Estado, do Conselho das Relações Exteriores, do Centro de Estudos Internacionais e Estratégicos, do programa de apoiadores da Casa Branca, da Campanha ONE do cantor Bono; e Daniel Yergin, geoestrategista do petróleo, ex-diretor da Força Tarefa nas Pesquisas Estratégicas de Energia do Departamento de Energia e autor do *"O Prêmio: A Jornada Épica pelo Petróleo,*

Dinheiro e Poder" ("The Prize: The Epic Quest for Oil, Money and Power")[39].

O chefe executivo da Fundação, indicado em 2013, era a antiga chefe de Jared Cohen na Equipe de Planejamento Político do Departamento de Estado, Anne-Marie Slaughter, uma nerd do direito e das relações internacionais de Princeton com um olho nas "portas giratórias" entre o governo e a iniciativa privada[40]. Ela está em todos os lugares, na hora de escrever, emitindo chamados para Obama para responder a crise na Ucrânia, não apenas enviando forças secretas dos Estados Unidos dentro do país, mas também jogando bombas na Síria — sob a tese de que

39 Perfil de Francis Fukuyama no site da New America Foundation: archive.today/6ZKk5. Perfil de Rita E. Hauser no site da New America Foundation: archive.today/oAvJf. Perfil de Jonathan Soros profile no site da New America Foundation: archive.today/lTJy9. Perfil de Walter Russell Mead no site da New America Foundation: archive.today/ApejM. Perfil de Helene D. Gayle no site da New America Foundation: archive.today/72plM. Perfil de Daniel Yergin no site da New America Foundation: archive.today/kQ4ys. Veja a composição completa dos diretores no site da New America Foundation: archive.today/iBvgl.

40 Perfil de Anne-Marie Slaughter no site da New America Foundation: archive.today/yIoLP.

isso mandará uma mensagem para a Rússia e a China[41]. Junto com Schmidt, ela é uma convidada da conferência de Bilderberg, em 2013, e tem assento no Conselho Político de Relações Externas do Departamento de Estado[42].

Não havia nada politicamente infeliz sobre Eric Schmidt. Eu estava muito ansioso para enxergar um engenheiro do Vale do Silício politicamente não

---

41 "A solução para a crise na Ucrânia está, em parte, na Síria. Está na hora do Presidente Barack Obama demonstrar que ele pode ordenar o uso de força ofensiva em circunstâncias que não os ataques secretos de drones ou operações secretas. O resultado vai mudar o cálculo estratégico não apenas em Damasco, mas também em Moscou, para não mencionar Pequim e Tóquio". Anne-Marie Slaughter, "Stopping Russia Starts in Syria," Project Syndicate, 23 de Abril de 2014, archive.today/GiLng. Jared Cohen retweetou em apoio à Slaughter nessa questão. Por exemplo, ele compartilhou um tweet em apoio no dia 26 de abril de 2014 que declarava que o argumento no artigo citado acima tinha sido "na mosca". archive.today/qLyxo.

42 Sobre as conferências de Bilderberg veja Matthew Holehouse, "Bilderberg Group 2013: guest list and agenda," Telegraph, 6 de Junho 2013, archive.today/PeJGc. Sobre o Conselho das Política e Relações Exteriores do Departamento de Estado, veja a lista dos atuais membros do conselho no site do Departamento de Estado dos EUA: archive.today/Why8v.

ambiguo, uma relíquia dos velhos e bons tempos da cultura universitária da ciência da computação da Costa Oeste. Porém, não é esse tipo de pessoa que participa da conferência de Bilderberg por quatro anos consecutivos, que paga visitas regulares para a Casa Branca ou que proporciona "conversas ao pé da lareira" no Fórum Econômico Mundial de Davos[43]. O

---

43 A lista de participantes das conferências Bilderberg desde 2010 estão disponíveis no site da Bilderberg, www.bilderbergmeetings.org. Eric Schmidt foi fotografado na Conferência Bilderberg de 2014 em Copenhague, reunindo-se com Viviane Reding, Comissária da Justiça da União Européia, e Alex Karp, executivo da Palantir Technologies, uma empresa de serviços de inteligência a partir da mineração de dados que vende serviços de pesquisa e integração de dados para clientes na comunidade de inteligência e da polícia dos EUA, e que foi lançada com financiamento do fundo de investimentos da CIA, In-Q-Tel. Veja Charlie Skelton, "Bilderberg conference 2014: eating our politicians for breakfast," Guardian, 30 de Maio de 2014, archive.today/pUY5b. Em 2011, Palantir estava envolvido no escândalo HBGary, tendo sido exposta como parte do grupo de prestadores de serviços que propuseram a derrubada do WikiLeaks. Para mais informações, veja "Background on US v. WikiLeaks" em When Google Met WikiLeaks. Veja também Andy Greenberg, Ryan Mac, "How A 'Deviant' Philosopher Built Palantir, A CIA-Funded Data-Mining Juggernaut," Forbes, 2 de Setembro de 2013, archive.today/ozAZ8. Os registros dos visitantes da Casa Branca estão disponíveis em

aparecimento de Schmidt como "Ministro das Relações Exteriores" — com pompa e cerimônia de Estado, visitado pelas linhas falhas da geopolítica — não saiu do nada; tem sido prenunciado por anos de assimilação dentro das redes de reputação e influência do establishment norte-americano.

No nível pessoal, Schmidt e Cohen são pessoas extremamente simpáticas. Mas o presidente do Google é um clássico jogador "chefe da indústria", com toda a bagagem ideológica que vem junto com esse papel[44]. Schmidt encaixa-se exatamente aonde está: o ponto onde o centrista, o liberal e as tendências imperialistas se encontram na vida política americana. Ao que tudo indica, os chefes do Google acreditam, genuinamente, no poder civilizacional das corporações multinacionais esclarecidas, e eles veem essa missão como algo contínuo

---

seu site, archive.today/QFQx0. Para cobertura de Schmid no Fórum Econômico Mundial veja Emily Young, "Davos 2014: Google's Schmidt warning on jobs," BBC, 23 de Janeiro de 2014, archive.today/jGl7B. Veja também Larry Elliott, "Davos debates income inequality but still invites tax avoiders," Guardian, 19 de Janeiro de 2014, archive.today/IR767.

44 Adrianne Jeffries, "Google's Eric Schmidt: 'let us celebrate capitalism,'" Verge, 7 de Março de 2014, archive.today/gZepE.

com o remodelamento do mundo de acordo com o melhor julgamento do “superpoder benevolente”. Eles falarão para você que ter a mente aberta é uma virtude, mas todas as perspectivas que desafiam a unidade essencial no coração da política externa americana permanecerá invisível para eles. Essa é a impenetrável banalidade do “não seja mau”. Eles acreditam que estão fazendo o bem. E isso é um problema.

5.

Google é “diferente”. Google é “visionário”. Google é “o futuro”. Google é “mais que uma empresa”. Google “devolve para a comunidade”. Google é “uma força do bem”.

Mesmo quando o Google anuncia sua ambivalência corporativa publicamente, faz pouco para remover esses elementos de fé[45]. A reputação da empresa é aparentemente incontestável. Google é colorido, seu logo animado é impresso nas retinas humanas apenas seis bilhões de vezes cada dia, 2,1 trilhões de vezes por ano — uma oportunidade para o condicionamento desfrutado por nenhuma outra corporação na história[46].

45 Para um exemplo da ambilavência corporativa do Google sobre a questão da privdade, veja Richard Esguerra, “Google CEO Eric Schmidt Dismisses the Importance of Privacy,” Electronic Frontier Foundation, 10 de Dezembro de 2009, archive.today/rwyQ7.

46 Figures correct as of 2013. Veja “Google Annual Search Statistics,” Statistic Brain (Statistic Brain Research Institute), 1 de Janueiro de 2014, archive.today/W7DgX.

Pego em flagrante no ano passado, quando tornou disponível os petabytes de dados pessoais para a comunidade de inteligência dos Estados Unidos através do programa PRISM. O Google, no entanto, continua a surfar na esperança gerada pelo duplo sentido de "não seja mau". Algumas poucas cartas abertas simbólicas para a Casa Branca mais tarde e parece que tudo foi perdoado. Até mesmo os ativistas anti-vigilância não conseguem se ajudar, pois ao mesmo tempo que condenam a espionagem do governo, tentam alterar as práticas de vigilância invasiva do Google usando estratégias de apaziguamento[47].

47 Entre os que fazem campanhas pela privacidade, há uma desconfortável tendência em se posicionar apenas contra a vigilância massiva realizada pelo Estado, excluindo a vigilância similar operada pelas grandes corporações visando o lucro. Em parte, isso é uma ética com vestígios de origens libertárias californianas das campanhas online pró-privacidade. Em parte, é um sintoma da superioridade em relações públicas das corporações de tecnologia do Vale do Silício, e o fato dessas corporações também proverem para a maior parte do financiamento privado para os grupos de advocacia da luta por privacidade digital, gerando um conflito de interesse. A nível individual, mesmo muitos dos mais engajados participantes das campanhas de privacidade possuem uma propensão não-assumida ao "fácil de usar", comodidades que destroem a

Ninguém quer reconhecer que Google se tornou grande e mau. Mas se tornou. A partir da posse de Schmidt como chefe executivo se vê a integração do Google com a cinzenta estrutura de poder dos Estados Unidos, com sua expansão numa megacorporação

privacidade, como o Gmail, Facebook e produtos da Apple. Como resultado, as campanhas de privacidade frequentemente fazem vista grossa aos abusos de vigilância das corporações. Quando eles apontam os abusos de companhias como o Google, os participantes das campanhas tendem a apelar à lógica do mercado, clamando às companhias para que façam pequenas concessões a fim de reparar seus índices de aprovação. Há um falso pressuposto de que as forças do mercado forcem o Vale do Silício a ser um antagonista natural do governo, e que o que ele quer estar ao lado do público — se pressupõe que corporações multinacionais voltadas para o lucro partilhem mais do espírito da democracia do que agências governamentais. Muitos dos defensores da privacidade justificam um foco predominante nos abusos do Estado com base em que este goza do monopólio da força coercitiva. Por exemplo, foi atribuída a Edward Snowden a declaração de que as empresas de tecnologia não "matam ninguém". Ver Barton Gellman, "Edward Snowden, after months of NSA revelations, says his mission's accomplished," Washington Post, 23 de Dezembro de 2013, archive.today/d6P8q. Essa visão menospreza o fato de que corporações poderosas são parte de uma rede de poder em torno do Estado, e que elas aproveitam da habilidade de desenvolver seu poder coercitivo, bem como o Estado usualmente exerce sua influência através da ação de poderosas

invasiva geograficamente. E o Google está confortável com essa aproximação. Muito antes dos fundadores da empresa Larry Page e Sergey Brin contratarem Schmidt em 2001, suas pesquisas iniciais, nas quais o Google foi baseado, foram parcialmente financiadas pelo Defense Advanced Research Projects Agency (DARPA)[48]. E mesmo quando o Google de Schmidt desenvolveu uma imagem como o super amigável gigante da tecnologia global, ele estava construindo um relacionamento próximo com a comunidade de inteligência.

Em 2003, a Agência de Segurança Nacional (National Security Agency — NSA) já havia começado a violar sistematicamente o *Foreign Intelligence*

---

corporações. O movimento para abolir a privacidade tem duas pontas. Defensores da privacidade que se focam exclusivamente em um deles irão se descobrir espetados pelo outra.

48 Ver a seção 7, Acknowledgments, em The Anatomy of a Large-Scale Hypertextual Web Search Engine, Sergey Brin, Lawrence Page (Computer Science Department, Stanford University, 1998): "A pesquisa descrita aqui foi conduzida como parte do Projeto da Biblioteca Digital Integrada de Stanford, apoiada pela Fundação Nacional da Ciência sob Acordo de Cooperação. O financiamento desse acordo de cooperação é fornecido pela DARPA e NASA, pela Interval Research, e parceiros industriais do Projeto das Bibliotecas Digitais de Stanford", archive.today/tb5VL.

Surveillance Act (FISA) sob seu diretor General Michael Hayden[49]. Esses eram os dias do programa “Total Information Awareness”[50]. Antes do PRISM ser jamais sonhado, sob as ordens da Casa Branca de Bush, a NSA já visava “coletar tudo, capturar tudo, saber de tudo, processar tudo, explorar tudo”[51]. Durante esse mesmo

---

49 Michael Hayden está agora com o Chertoff Group, uma firma de consultoria que descreve a si mesma como uma “firma consultiva de gestão de riscos e segurança premier”. Ela foi fundada e é dirigida por Michael Chertoff, ex-secretário do Departamento de Segurança Doméstica do Presidente George W. Bush. Ver Marcus Baram, “Fear Pays: Chertoff, Ex-Security Officials Slammed For Cashing In On Government Experience,” Huffington Post, 23 de Novembro de 2010, atualizado em 25 de Maio de 2011, archive.today/iaM1b.

50 ““Total Information Awareness” foi um programa radical da inteligência norte-americana pós-11/09, feito pela DARPA para vigiar e obter informação detalhada sobre indivíduos a fim de antecipar seu comportamento. O programa foi oficialmente abandonado em 2003 após contestações públicas, mas seu legado pode ser comprovadamente vistos nas recentes divulgações sobre espionagem de massa pela NSA. Ver Shane Harris, “Giving In to the Surveillance State,” New York Times, 22 de Agosto de 2012, archive.today/v4zNm.

51 “The Munk Debate on State Surveillance: Edward Snowden Video” (video), Munk Debates, archive.today/zOj0t. Ver também Jane Mayer, “The Secret Sharer: Is Thomas Drake an enemy of the state?” New Yorker, 23 de Maio de 2011, archive.today/pXoy9.

período, Google — cujo qual declarou que sua missão corporativa é coletar e “organizar a informação do mundo e torná-la universalmente acessível e útil”[52] — estava aceitando dinheiro da NSA na ordem de $2 milhões de dólares para prover para a agência as ferramentas de pesquisa para ampliar sua reserva de conhecimento roubado[53].

Em 2004, depois de tomar Keyhole, uma startup de mapeamento de tecnologia cofundada pela Agência de Inteligência Geoespacial Nacional (National

---

52 “Company overview,” site da empresa Google, archive.today/JavDC.

53 Lost in the Cloud: Google and the US Government (report), Consumer Watchdog’s Inside Google, Janeiro de 2011, bit.ly/1qNoHQ9. Ver também Verne Kopytoff, “Google has lots to do with intelligence,” San Francisco Chronicle, 30 de Março de 2008, archive.today/VNEJi. Ver também Yasha Levine, “Oakland emails give another glimpse into the Google-Military-Surveillance Complex,” Pando Daily, 7 de Março de 2014, archive.today/W35WU. Ver também Yasha Levine, “Emails showing Google’s closeness with the NSA Director really aren’t that surprising,” Pando Daily, 13 de Maio de 2014, archive.today/GRT18. Yasha Levine escreveu uma série de artigos investigando os laços do Googgle com a indústria militar e de inteligência, que podem ser acessados em: pando.com/author/ylevine.

Geospatial-Intelligence Agency — NGA) e a CIA, o Google desenvolveu a tecnologia para o Google Mapas, uma versão corporativa dele foi então vendida para o Pentágono e agências federais e do Estado associadas por contratos multimilionários de dólares[54]. Em 2008, Google ajudou a lançar um satélite espião da NGA, o GeoEye-1, no espaço. Google compartilhou as fotos do satélite com os militares americanos e as comunidades de inteligência[55]. Em 2010, a NGA recompensou o Google num contrato de $ 27 milhões por "serviços de visualização geo espacial"[56].

Em 2010, depois do governo chinês ser acusado de hackear Google, a empresa entrou num relacionamento "formal de compartilhamento de informação" com a NSA, o qual permitiu aos analistas da agência

54 Yasha Levine, "Oakland emails give another glimpse into the Google-Military-Surveillance Complex," Pando Daily, 7 de Março de 2014, archive.today/W35WU. Para mais sobre os laços do Google com a CIA, ver Noah Shachtman, "Exclusive: Google, CIA Invest in 'Future' of Web Monitoring," Wired, 28 de Julho de 2010, archive.today/e0LNL.

55 Yasha Levine, "Oakland emails give another glimpse into the Google-Military-Surveillance Complex," Pando Daily, 7 de Março de 2014, archive.today/W35WU.

56 Ibidem.

“avaliarem as vulnerabilidades” no hardware e software do Google[57]. Embora os exatos contornos do acordo nunca tenha sido revelados, a NSA trouxe outras agências do governo para ajudar, incluindo o FBI e o Departamento de Segurança Nacional (DHS).

Ao mesmo tempo, o Google começou se envolver num programa conhecido como “Enduring Security Framework”[58](ESF), o qual ligava o compartilhamento de informação entre as empresas de tecnologia do Vale do Silício e as agências afiliadas ao Pentágono “na velocidade da rede”[59]. Os e-mails obtidos em 2014 através de uma requisição de Liberdade de Informação mostram que Schmidt e seu companheiro Googler Sergey Brin escreviam em primeiro nome os termos sobre o ESF com o chefe da NSA General Keith

57 Ellen Nakashima, “Google to enlist NSA to help it ward off cyberattacks,” Washington Post, 4 de Fevereiro de 2010, archive.today/hVTVl.

58 O nome oficial da ocupação norte-americana do Afeganistão é similar: “Operation Enduring Freedom.” Ver “Infinite Justice, out—Enduring Freedom, in,” BBC, 25 de Setembro de 2001, archive.today/f0fp7.

59 Jason Leopold, “Exclusive: emails reveal close Google relationship with NSA,” Al Jazeera America, 6 de Maio de 2014, archive.today/V0fdG.

Alexander[60]. Uma reportagem nos emails se focou na familiaridade na correspondência: "General Keith... tão bom ver você...!" Schmidt escreveu. Mas a maioria das matérias negligenciaram um detalhe crucial. "Suas percepções como um membro chave na Base Industrial da Defesa", Alexander escreveu para Brin, "são valiosas para garantir que os esforços do ESF tenham um impacto mensurável".

O Departamento de Segurança Nacional (DHS) define a Base Industrial da Defesa como "o complexo industrial mundial que permite a pesquisa e o desenvolvimento, assim como o planejamento, a produção, a entrega e manutenção dos sistemas de armamento militar, subsistemas, componentes ou partes para atender os requerimentos militares dos Estados Unidos" [ênfase nossa]"[61].

A Base Industrial da Defesa fornece "produtos e serviços que são essenciais para mobilizar, instalar e sustentar operações militares". Isso inclui serviços

60 Ibidem.

61 "Defense Industrial Base Sector", no site do Departamento de Segurança Nacional dos EUA: archive.today/Y7Z23.

comerciais regulares comprados pelo exército dos EUA? Não. Essa definição exclui especificamente a compra de serviços comerciais regulares. O que quer que torne Google um "membro chave na Base Industrial da Defesa", não são as campanhas de recrutamento adquiridas através do Google AdWords ou soldados checando seus Gmail.

Em 2012, Google chegou no topo da lista de gastos de lobbistas de Washington — uma lista tipicamente seguida exclusivamente pela Câmara do Comércio dos Estados Unidos, prestadores de serviços militares e os leviatãs do petrocarbono[62]. Google entrou no ranking acima do gigante militar da aeroespaço Lockheed Martin, com o total de $18,2 milhões gastos em 2012 contra $15,3 milhões da Lockheed. Boeing, o prestador de serviço militar que absorveu McDonnel Douglas em 1997, também vem abaixo do Google, com

62 Ver "Top Spenders" em "Influence and Lobbying" no site OpenSecrets.org: archive.today/xQyui. Ver também Tom Hamburger, "Google, once disdainful of lobbying, now a master of Washington influence," Washington Post, 13 de Abril de 2014, archive.today/oil7k.

$15,6 milhões assim como Northrop Grumman com $17,5 milhões.

No outono de 2013, a administração Obama estava tentando angariar apoio para ataques aéreos contra a Síria. Apesar dos retrocessos, a administração continuou pressionando por ação militar em setembro com discursos e declarações públicas, tanto do Presidente Obama, quanto do Secretário de Estado John Kerry[63]. No dia 10 de setembro, Google emprestou sua página inicial — a mais popular da internet — para o esforço da guerra, inserindo uma linha abaixo da sua caixa de busca aonde podia-se ler "Ao vivo! Secretário Kerry responde questões sobre a Síria. Hoje através do Hangout às 2pm"[64].

---

63 Sy Hersh escreveu dois artigos sobre o desastroso caso de "intevenção" na Síria pela administração Obama. Ver Seymour M. Hersh, "Whose Sarin?" London Review of Books, 19 de Dezembro de 2013, archive.today/THPGh. Ver também Seymour M. Hersh, "The Red Line and the Rat Line," London Review of Books, 17 de Abril de 2014, archive.today/qp5jB.

64 Uma cópia do arquivo da página pode ser encontrado em archive.today/Q6uq8. O Google explicitamente se orgulha por manter sua página inicial livre de qualquer interferência. Sua pureza sagrada é incorporada no manifesto corporativo do Google: " A interface da página inicial é clara e simples, e as

Como o autodenominado "radical do centro"[65] o colunista do New York Times Tom Friedman escreveu, em 1999: às vezes não é suficiente deixar o domínio global das corporações de tecnologia americanas para algo tão volátil como "o livre mercado":

A mão invisível do mercado nunca trabalhará sem o punho invisível. O McDonald's não pode florescer sem McDonnell Douglas, o criador do F-15. E o punho invisível que mantém o mundo a salvo para as tecnologias do Vale do Silício florescerem é chamado de

---

páginas carregam instantaneamente. As posições nos resultados da pesquisa não são vendidas, e a publicidade é claramente informada como tal, oferecendo conteúdo relevante e que não causa distrações." Ver "Ten things we know to be true," site da empresa Google, archive.today/s7v9B. Nas raras ocasiões em que Google adiciona uma única linha à página de buscas para divulgar seus próprios projetos, essa própria escolha se torna notícia. Ver Cade Metz, "Google smears Chrome on 'sacred' home page," Register, 9 de Setembro de 2008, archive.today/kfneV. Ver também Hayley Tsukayama, "Google advertises Nexus 7 on home page," Washington Post, 28 de Agosto de 2012, archive.today/QYfBV.

65 Thomas Friedman publicou inúmeras colunas exaltando as virtudes do seu "centrismo radical", tal como "Make Way for the Radical Center," New York Times, 23 de Julho de 2011, archive.today/IZzhb.

Exército dos Estados Unidos, as Forças Aéreas, a Marinha e os Fuzileiros Navais[66].

Se alguma coisa mudou desde quando essas palavras foram escritas, é que o Vale do Silício cresceu inquieto com esse papel passivo, aspirando por outro lado adornar o "punho invisível" como uma luva de veludo. Escrito em 2013, Schmidt e Cohen afirmam,

> *O que Lockheed Martin era para o Século XX, as empresas de tecnologia e cibersegurança serão para o Século XXI[67].*

66 Thomas Friedman, "A Manifesto for the Fast World," New York Times, 28 de Março de 1999, archive.today/aQHvy.

67 Eric Schmidt e Jared Cohen, The New Digital Age, British paperback edition (John Murray, 2013), p. 98. Google está se comprometendo com essa ambição. Desde o início de 2013, Google comprou nove companhias de experimentos de inteligência robótica e artificial e colocou-as para trabalhar por um objetivo não declarado sob Andy Rubin, o ex-chefe da divisão Android do Google. Ver John Markoff, "Google Puts Money on Robots, Using the Man Behind Android," New York Times, 4 de Dezembro de 2013, archive.today/Izr7B. Ver também Adam Clark Estes, "Meet Google's Robot Army. It's Growing," Gizmodo, 27 de Janeiro de 2014, archive.today/mN2GF. Duas das aquisições do Google estão liderando a DARPA Robotics Challange, uma competição mantida pela Agência Avançada de Pesquisas de Projetos da

Essa é apenas uma das várias fortes afirmações feitas por Schmidt e Cohen em seu livro, o qual foi finalmente publicado em Abril de 2013. O título provisório foi: "O Império da Mente", para ser substituído por "A Nova Era Digital: Remodelando o

---

Defesa (DARPA), com um suntuoso apoio do Pentágono aos competidores. Schaft Inc, uma companhia japonesa, está inclinada a vencer a competição da DARPA com seu projeto — um robô bípede, humanóide que pode subir escadas, abrir portas, atravessar escombros e é imune à radiação. A outra companhia, Boston Dynamics, é especializada em produzir, para o Departamento de Defesa, robôs militares que correm, caminham e rastejam . O mais bem conhecido dos robôs da Boston Dynamics é o "BigDog" — um transportador de apoio à tropas que tem o tamanho de um cavalo, o qual só se acredita vendo (on YouTube: is.gd/xOYFdY). Ver Breezy Smoak, "Google's Schaft robot wins DARPA rescue challenge," Electronic Products, 23 de Dezembro de 2013, archive.today/M7L6a. Ver também John Markoff, "Google Adds to Its Menagerie of Robots," New York Times, 14 de Dezembro de 2013, archive.today/cqBX4. O verdadeiro poder do Google como uma companhia de drones é sua inigualável coleta de informações de navegação. Isso inclui toda informação associada ao Google Maps e a localização de cerca de um bilhão de pessoas. Não se pode assumir que toda essa informação, uma vez coletada, será sempre usada para fins benígnos. Os dados coletados pelo projeto Google Street View, que enviou carros rodando por ruas em todo mundo, pode ser um instrumento para navegação de robôs policiais e militares pelas mesmas

Futuro das Pessoas, Nações e Negócios”. Na época em que saiu, eu tinha formalmente solicitado e recebido asilo político do governo do Equador e estava refugiado na embaixada em Londres. Nesse momento, eu já tinha passado quase um ano na embaixada sob vigilância policial, bloqueado de uma passagem segura para fora do Reino Unido. Online, eu percebi a imprensa comemorar empolgada o livro de Schmidt e Cohen, ignorando, vertiginosamente, o imperialismo digital explícito do título e a evidente sequência de endossamento da pré-publicação de vários famosos belicistas como Tony Blair, Henry Kissinger, Bill Hayden e Madeleine Albright no verso do livro.

Anunciado como uma previsão visionária da mudança tecnológica do mundo, o livro fracassou no que se propunha — ele fracassou até mesmo para imaginar um futuro, bom ou mau, substancialmente diferente do presente. O livro era uma fusão simplista da ideologia do “fim da História” de Fukuyama — fora de moda desde os anos 90 — e telefones celulares mais rápidos. Ele estava preenchido com retórica de Washington, as

---

ruas.

ortodoxias do Departamento de Estado e bajulações a Henry Kissinger. Academicamente, o livro era pobre — e até mesmo degenerado. Não parecia se encaixar no perfil do Schmidt, aquele homem afiado, quieto na minha sala de estar. Mas lendo, eu comecei a ver que o livro não era uma tentativa séria sobre o futuro da história. Era uma canção de amor do Google para Washington. Google, um ascendente superestado digital, estava se oferecendo para ser o visionário geopolítico de Washington.

Uma outra forma de ver isso é que estava apenas fazendo negócios. Para um monopólio americano de serviços de internet garantir o domínio no mercado global, ele simplesmente não pode continuar fazendo o que faz e deixar a política tomar conta de si mesma. A hegemonia estratégica e econômica Americana tornou-se um pilar vital para seu domínio do mercado. O que uma megacorporação faz? Se ela quiser controlar o mundo, ela deve fazer parte do império original do "não seja mau".

Mas parte da imagem resiliente do Google como "mais que apenas uma empresa" vem da percepção que

ela não age como uma grande má corporação. Sua tendência de atrair pessoas para sua armadilha de serviços com gigabytes de "armazenamento livre" produz a percepção que Google está dando de graça, agindo diretamente contrária aos fins lucrativos da corporação. O Google é visto como um negócio essencialmente filantrópico — um mecanismo mágico presidido por visionários de outro mundo — por criar um futuro utópico[68]. A empresa tem por vezes se mostrado ansiosa para cultivar essa imagem, injetando financiamento em iniciativas de "responsabilidade

68 Um utopismo que ocasionalmente beira a megalomania. O CEO do Google Larry Page, por exemplo, invocou publicamente uma imagem de microestados do Google ao estilo Jurassic Park, onde o Google é isento de leis nacionais e pode progredir livremente. "As leis (...) não podem estar corretas se já tem 50 anos de idade; isso era assim antes da internet (...). Talvez nós possamos separar uma parte do mundo (...) Um ambiente onde pessoas possam experimentar coisas novas. Eu acho que, como tecnólogos, nós deveríamos ter alguns lugares seguros onde pudessemos experimentar coisas novas e verificar qual seus efeitos na sociedade — qual o efeito sobre as pessoas? — sem ter que implementar isso em todo o mundo". Ver Sean Gallagher, "Larry Page wants you to stop worrying and let him fix the world," Ars Technica, 20 de Maio de 2013, archive.today/kHYcB.

corporativa" para produzir "mudança social" — exemplificado pelo Google Ideas. Mas como Google Ideas mostra, os esforços filantrópicos da empresa também trazem um nada confortável lado imperial da influência dos Estados Unidos. Se a Blackwater/Xe Services/Academi estivesse executando um programa como Google Ideas, chamaria um intenso escrutínio crítico[69]. Mas de alguma forma Google conseguiu trânsito livre.

Quer seja apenas uma empresa ou "mais que apenas uma empresa", as aspirações geopolíticas do Google estão firmemente emaranhadas com a agenda da política externa da maior superpotência do mundo. Como o monopólio do serviço de pesquisa do Google e de internet crescem, e com isso amplia o seu escopo de vigilância industrial cobrindo a maior parte da população mundial, dominando rapidamente o mercado de telefonia móvel e correndo para expandir o acesso à

69 A notória companhia mercenária de segurança Blackwater, mais conhecida por assassinar civis iraquianos, foi rebatizada como "Xe Services" em 2009 e, depois, como Academi em 2011. Ver Jeremy Scahill Blackwater: The Rise of the World's Most Powerful Mercenary Army, (Nation Books, 2007).

internet no sul global, Google está continuamente se tornando a internet para muitas pessoas[70]. Sua influência nas escolhas e no comportamento da totalidade dos indivíduos traduz um poder real de influenciar o curso da história.

---

70 Historicamente, o sucesso do Google foi construído na vigilância comercial de civis através de “serviços”: mecanismo de busca, email, rede social etc. Mas o desenvolvimento do Google nos últimos anos tem expandido sua vigilância empresarial ao controlar a telefonia móvel e tablets. O sucesso do sistema operacional do Google, Android, lançado em 2008, deu ao Google 80% do mercado dos smartphones. O Google afirma que mais de um bilhão de dispositivos Android se autoregistraram, numa taxa atualmente de mais de um milhão de novos dispositivos por dia. Veja “Q1 2014 Smartphone OS Results: Android Dominates High Growth Developing Markets,” ABIresearch, 6 de Maio de 2014, archive.today/cTeRY. Ver também “Android, the world’s most popular mobile platform,” no site Android Developers: archive.today/5y8oe. Através do Android, Google controla os dispositivos que as pessoas carregam em sua rotina diária e usam para conectar a internet. Cada dispositivo retroalimenta as estatísticas de uso, localização e outros dados para o Google. Isso concede a empresa um poder sem precedentes para vigiar e influenciar as atividades da sua base de usuários, tanto como através da rede assim como por suas vidas. Outros projetos do Google como o “Project Glass” e “Project Tango” visam construir a onipresença do Android, expandindo as capacidades de vigilância do Google para dentro do espaço em volta dos seus

Se o futuro da internet é ser o Google, isso deveria ser uma preocupação séria para as pessoas de todos os lugares do mundo — na América Latina, no Leste e Sudeste Asiático, no subcontinente Indiano, no Oriente Médio, no Subsaara Africano, na antiga União Soviética

usuários. Ver Jay Yarow, "This Chart Shows Google's Incredible Domination Of The World's Computing Platforms," Business Insider, 28 de Março de 2014, archive.today/BTDJJ. Ver também Yasha Levine, "Surveillance Valley has put a billion bugs in a billion pockets," Pando Daily, 7 February 2014, archive.today/TA7sq. Ver também Jacob Kastrenakes, "Google announces Project Tango, a smartphone that can map the world around it," Verge, 20 de Fevereiro de 2014, archive.today/XLLvc. Ver também Edward Champion, "Thirty-Five Arguments Against Google Glass," Reluctant Habits, 14 de Março de 2013, archive.today/UUJ4n. Google também está visando se tornar um provedor de acesso. O "Project Loon" do Google visa ser um provedor de acesso à internet para populações no sul global usando redes wireless montadas em frotas de balões de alta altitude e drones, tendo adquirido as empresas de drone Titan Aerospace e Makani Power. O Facebook, que fez uma contra proposta pela Titan Aerospace, tem aspirações similares, tendo adquirido a empresa aérea de drones Ascenta. Ver Adi Robertson, "Google X 'moonshots lab' buys flying wind turbine company Makani Power," Verge, 22 de Maio de 2013, archive.today/gsnio. Ver também o site "Project Loon": archive.today/4ok7L. Ver também Sean Hollister, "Google nabs drone company Facebook allegedly wanted to buy," Verge, 14 April 2014, archive.today/hc0kr.

e mesmo na Europa — para aqueles que a internet incorpora a promessa de ser uma alternativa para a hegemonia estratégica, cultural e econômica dos Estados Unidos[71].

Um império que "não seja mau" continua sendo um império.

71 Para um exemplo da preocupação europeia, ver Mathias Döpfner, "Why we fear Google," Frankfurter Allgemeine, 17 de Abril de 2014, archive.today/LTL6l.

I **Nota da Tradução:** Think tank pode ser traduzido para o português como uma "incubadora de ideias". Um think/do tank, então, é uma incubadora de ideias que tem uma dimensão também de ação.

II **Nota da Tradução:** Ver matéria *Condi's Party Starter*, The New Yorker, 5 de Novembro de 2007.

III **Nota da Tradução:** No texto original, Assange refere-se ao título de Rhodes scholar de Cohen nesse trecho.